

“PIEL DE MUJER”: DELIA ZAMUDIO, ATIVISTA, SINDICALISTA E AUTORA

“PIEL DE MUJER”: DELIA ZAMUDIO, ACTIVIST, TRADE UNION AND AUTHOR

Alessandra Corrêa de Souza¹

RESUMO: A proposta deste artigo é apresentar a autora afro-peruana Delia Zamudio e as diversas possibilidades de leituras da obra *Piel de Mujer*, bem como delimitar o recorte da pesquisa *in loco* realizada em Lima em meu período de doutoramento sanduíche de agosto a dezembro de 2017. Dialogamos com proposições teóricas de Elizabeth Jelin (2002), FAYE, M'Bare N'gom (2010; 2013) Vania Vasconcellos (2015), Cornejo Polar (2000), Chimmanda Adichie (2009; 2015; 2017) , hooks(2018) e outros. Na mesma perspectiva para além da apresentação da autora, analisamos o texto literário supracitado e as possibilidades de leitura do mesmo, a partir do eixo das interseções de violência de raça, gênero e classe.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Afro-peruana; Interseções de Violência de Raça; Gênero; e Classe.

ABSTRACT: The purpose of this article is to present the Afro-Peruvian author Delia Zamudio and the various possibilities for reading her work “Piel de Mujer”, as well as delimiting the cut of the on-site research carried out in Lima during my sandwich PhD period from August to December 2017. We dialog with theoretical propositions by [C1] Elizabeth Jelin (2002), FAYE, M'Bare N'gom (2010; 2013) Vania Vasconcellos (2015), Cornejo Polar (2000), Chimmanda Adichie (2009; 2015; 2017), hooks (2018) and others. In the same perspective, in addition to the author's presentation, we analyzed the literary text and its reading possibilities, from the axis of the intersections of race, gender and class violence.

KEYWORDS: Afro-Peruvian Literature; Intersections of Race; Gender; and Class Violence.

1 INTRODUÇÃO

Delia Zamudio é escritora peruana, ativista e indiscutivelmente reconhecida como líder do povo, em seu livro *Piel de Mujer* (1995) expressa suas experiências pessoais como mulher negra; tendo crescido com poucos recursos financeiros e educacionais, sua história ilustra com paixão o triplo desafio de ser negra, mulher e pobre no mundo hispânico.

¹ Doutora em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil, com período sanduíche em Universidad Nacional Mayor de San Marcos – Peru. Professora Adjunta da Universidade Federal de Sergipe – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4691-8592>. E-mail: espanholufrj@hotmail.com.

No primeiro capítulo de sua narrativa, Zamudio caracteriza-se como vítima desse sistema racista, patriarcal e capitalista. Suas experiências e determinação fortemente influenciam a decisão de converter-se em militante e lutar pelos direitos das mulheres nos sindicatos. Sua consciência inicial ajuda a formar a fundação ideológica das características sociais e políticas que ocupa no decorrer de sua vida.

Apesar da luta por acesso à educação adequada e a um salário digno, como pode ser observado ao ler sua obra, seu testemunho foi editado e transformado em livro, a partir da organização não governamental, sem fins lucrativos, Incentivo à Vida, dedicada a melhorar as condições de pessoas com baixos salários.

Ao mesmo tempo, quando se considera que Zamudio sofreu abuso físico e psicológico, discriminação racial sistemática e marginalização sociopolítica, além de opressão sexista, seu testemunho ilumina a fortaleza mental e emocional da população de ascendência africana no Peru e nas Américas.

FAYE (2010) afirma que a mulher tem uma presença preponderante na realidade histórica, social, econômica e cultural da América Latina; foi a sua experiência caracterizada por uma ausência durante a fase de exploração e conquista do continente, já que a maioria das Crônicas das Índias omite o seu protagonismo. Assim mesmo, foi apagada dos textos que recorriam àquela experiência histórica e humana. Porém, durante o processo de construção das nacionalidades latino-americanas, a mulher em geral, em particular a mulher negra foi resgatada parcial e fugazmente na literatura.

Na mesma perspectiva, não há como pensar em pluralidade das literaturas latino-americanas sem o iniciador desse debate. Pois bem, Antonio Cornejo Polar (2000) ilumina a crítica literária quanto ao papel das literaturas andinas. A primeira análise que temos é que repensemos as literaturas andinas, elas precisam ser vistas com um olhar diferenciado pela sua diversidade, não apenas no campo da escrita, como também na oralidade; já que ressalta o papel das literaturas dos povos originários, que não utilizavam a escrita, e do seu papel de identidade nos Andes.

Cornejo Polar (2000) propõe revisão na crítica literária, pois geralmente apenas se incluem como literatura nacional as obras cultas em espanhol, enquanto todas as demais são representadas como folclore, ou associadas a diversos estereótipos. Destacando o valor ideológico da crítica literária, vale citar que este

modelo “reproduz e trata de convalidar a ordem e a hierarquia reais da sociedade latino-americana; por outro lado no plano específico da literatura, expressa a universalização do cânone cultural dos grupos dominantes.” (CORNEJO POLAR 2000, p.26.)

Sabemos que o recorte do autor serve para todas as literaturas que foi e ainda são marginalizadas, e interpretamos que, indiretamente, Cornejo Polar contribuiu para a crítica literária nesse fazer repensar os andinos como plurais e recorrer à história para começar a contribuir de maneira qualitativa em relação à hegemonia e ao cânone.

Há, nesta literatura, algumas mudanças significativas a partir de 1980, quando os grupos representados historicamente como minorias, começam a ter voz na literatura, como é o caso de Rigoberta Menchú e outras indígenas, que reivindicam através das produções literárias os papéis sociais das mulheres em contextos de submissão e extrema pobreza e exclusão, sendo assim *Piel de Mujer*, de Delia Zamudio também coopera para essa literatura de denúncia ao sistema, como também das desigualdades sociais e econômicas que atravessam os povos originários e os negros na diáspora.

Assim como Cornejo Polar, Oyarzún (1993) busca no passado um modo para que repensemos a crítica literária de maneira diacrônica, sobretudo, devemos lutar contra os mitos impostos e utilizar as diversas experiências, tais como de etnia, gênero e classe para “questionar as engrenagens de um imaginário único, homogêneo e excludente que rege as operações ocidentais”. (CORNEJO POLAR, 2000 p.38.)

Oyarzún (1993), ao apresentar as literaturas heterogêneas, traz a definição de Cornejo Polar, de que nas sociedades latino-americanas as pluralidades são diversas e coabitam em diversos imaginários sociais; por mais que os paradigmas de emissores e receptores não sejam os mesmos, cada grupo procura um referente para emitir o seu discurso. Citemos: “nossas práticas culturais não somente falam de uma frontal batalha social entre classes, etnias e gêneros sexuais, no entanto que se geram como batalhas semióticas e semânticas, texto em disputa consigo mesmo” (OYARZÚN, 1993, p.39, tradução nossa).

Na mesma linha argumentativa, Ana Pizarro (1987) estabelece os problemas que há nas demarcações entre literatura latino-americana, literatura regional e literaturas nacionais. Seus ideais vão de encontro aos posicionamentos políticos e ideológicos que permeiam as literaturas, assim como Cornejo Polar e Oyarzún. Ela rechaça a noção de literatura como expressão mais ou menos aleatória da realidade e valoriza a consequente necessidade de situar nossa literatura dentro da história social da América Latina, como parte constitutiva dela (PIZARRO, 1987, p.123-4). A autora trata de maneira profícua e endossa que as literaturas nacionais e regionais fazem parte de um contexto histórico-social; suas argumentações são semelhantes às de Cornejo Polar ao determinar que não podemos analisar as literaturas latino-americanas com a ótica do Ocidente europeu, visto que, quando as determinam com esse olhar hegemônico, excluem as diversidades, sobretudo com as escolas literárias que não tivemos e não incluem as literaturas antes da conquista, desconectadas do paradigma.

Pizarro, assim como Cornejo Polar, afirma que não é sensato insistir que a literatura da Bolívia, Peru e Equador é única e exclusivamente a literatura culta que se escreve nesses países. Declara que existem literaturas hispano-americanas nos sistemas orais e escritos nos quais os sujeitos que as compõem percebem a história com percepções distintas dos papéis sociais onde estão inseridos. Nessa perspectiva de literaturas e saberes plurais, encaminhamos para o recorte da entrevista à autora Delia Zamudio em Lima – Peru.

2 A ENTREVISTA- *PESQUISA IN LOCO*

Delia Zamudio é ativa em suas práticas cotidianas, mesmo com algumas limitações físicas, devido à idade e às sequelas da exploração em seus diversos trabalhos no decorrer de sua vida laboral, como citado pela mesma.

Em síntese, com o auxílio econômico da Capes, a premissa de estar em Lima foi possível, assim como as trocas e o aprendizado com Delia Zamudio para o eixo escritora, ativista e sindicalista. Acreditamos que algumas observações são pertinentes, a fim de esclarecer o primeiro encontro com a autora, somente em termos de ilustração: não foi nada planejado, apenas nos encontramos em um

evento em homenagem a Nicomedes Santa Cruz, conversamos e trocamos contatos , marcamos nosso segundo encontro em sua casa, em San Juan de Lurigancho.

A entrevista foi bem livre, preferimos não estabelecer perguntas e respostas, pois cremos que assim seria mais produtivo e a autora se sentiria mais confortável para falar o que desejasse sobre a sua vida pessoal e profissional. Ela iniciou o ato de fala nos apresentando seu segundo livro, que está em processo de edição, mostrando também a “boneca” e um CD com os dados. Observamos que nesse novo texto tem um carácter de resgate de histórias e pratos típicos das populações afro-peruanas. Pelo pouco que folheamos e pela fala da autora, percebemos que foi uma pesquisa *in loco* feita por ela em comunidades do norte e do sul de Lima.

Após essa apresentação, começamos a conversar de maneira aleatória sobre o livro *Piel de Mujer*. Delia nos contou do processo de elaboração do mesmo: entregou os manuscritos a uma representante e comunicadora da organização não governamental Fomento à Vida. Zamudio reitera, em sua argumentação, que boa parte do texto do livro foi ditado a essa intermediadora oralmente e ela o digitou e organizou sob a supervisão da autora.

Em sequência, seguimos e perguntamos sobre a edição, e ela nos disse que alguns fatos políticos foram cortados por motivo de segurança da mesma, argumento dado pelos responsáveis da editora. Também comentou sobre a edição do livro *Piel de Mujer* em alemão, que foi publicado anteriormente a nosso objeto de pesquisa e que não teve os mesmos cortes editoriais que a versão em espanhol, segundo a autora.

Em consonância com seu discurso, reiteramos o diálogo, e ela nos disse que os manuscritos do livro estão guardados em sua casa, mas como já é uma senhora, esteve alguns meses internada por uma intervenção cirúrgica no coração, usa bengala para sua locomoção e sente dificuldade de procurá-los e achá-los. Futuramente um genro a ajudará com a organização, e juntos encontrarão esse material de suma relevância para todos nós.

Vimos a importância de Delia como autora em sua narrativa desde o início; ela fez questão de apresentar o seu segundo livro como já mencionamos anteriormente. Logo depois, para nossa surpresa, a autora comentou não ter o seu livro *Piel de Mujer* (1995), nem da versão anterior, a que não trabalhamos, publicada

em alemão. Ela autografou a nossa versão, que já é uma cópia, pois não encontramos o original, já que está esgotado, o que é uma perda para todos. A autora nos contou o motivo de não autorizar novas publicações do mesmo: os responsáveis pela editora faziam a impressão, vendiam e não repassavam o valor dos direitos autorais a Delia Zamudio. Ela soube das vendas indevidas e proibiu que novas edições fossem publicadas e vendidas sem sua autorização.

Quanto aos eixos, Delia sindicalista e ativista feminista. A autora destaca que sua vida como sindicalista se iniciou com vinte e um anos na empresa de laboratórios químicos e terminou de maneira efetiva com quarenta e nove anos de idade, quando perdeu seu emprego juntamente com milhares de trabalhadores no governo neoliberal de Fujimori.

Ela militou em defesa dos trabalhadores por mais ou menos vinte e oito anos de sua vida. Em *Piel de Mujer* faz diversas autorreflexões sobre os acertos e os erros de sua trajetória como sindicalista, problematiza a desunião dos próprios trabalhadores sindicalizados, denuncia o machismo, o sexismo, o patriarcalismo, o discurso da esquerda em algumas premissas, como a ética e o respeito, os paradoxos dos ideais do socialismo, bem como os casos de assédio nas empresas por parte dos donos, chefes e até mesmo dos companheiros do sindicato.

Por um lado, traz também o seu papel político tanto nos diversos sindicatos por onde passou, como nos movimentos feministas que a ajudaram na construção de um ideal de luta feminina, quanto na percepção de como a questão de gênero é fundamental para discutir a exclusão dos grupos marginalizados.

Por outro lado, ela afirma que suas ações se iniciaram na fase adulta, embora, pelas leituras e pelo diálogo estabelecido com a autora, observemos que ela luta pela sua coletividade desde criança. Há exemplos em *Piel de Mujer*, uma personagem chamada Delia que já participava de ações políticas pelo seu espaço, bem como de sua coletividade, sua mãe participava de organizações Apristas e ela desde muito pequena e atenta percebia tudo e já aprendia o legado de lutar por seus direitos e do coletivo pobre e marginalizado de seu país.

A partir da entrevista e leitura de seu livro, vimos o amadurecimento e o aprendizado da autora como sindicalista e ativista feminina. Ela comenta sobre suas viagens a diversos países, como Brasil, México, Cuba e EUA, sobre as palestras, os

congressos, as trocas e as diversas maneiras de violência presenciadas por membros dos sindicatos e organizadores desses eventos.

Retrata em um trecho de seu livro um fato bem significativo vivenciado no Brasil, em um congresso onde muitas mulheres negras e faveladas faziam uma manifestação frente ao evento, pois não possuíam todo o dinheiro para participarem do congresso internacional. Ela viu nisso mais uma marginalização da população pobre e, em resumo, Delia age e consegue captar uma parte do dinheiro para uma “vaquinha” coletiva com os demais membros do evento, de modo que muitas mulheres conseguiram entrar e participar de um evento para dialogar e defender as suas necessidades, mas que as excluía.

Foram de suma importância os três encontros com a autora em Lima. No último, tentamos resgatar mais informações de Delia Zamudio sobre a sua vida, mas percebemos que a memória recorta e edita o que é relevante e necessário para ser dito ao outro. Todo o nosso discurso passa por “filtros” emocionais. Constatamos isso porque fazíamos algumas perguntas diretas à autora, mas ela falava de maneira superficial e voltava sempre ao que ela escolheu como significativo reproduzir para sua interlocutora.

Nesse encontro também comentamos com a autora que fomos a sua cidade natal, Chincha – Lima, como também a *Hoja Redonda*, lugar de nascimento, destacado em *Piel de Mujer*. Com a modernidade e as mudanças, visto que a autora nasceu em 1942, aquele espaço, que era uma fazenda, hoje é um povoado. Destacamos que fomos ao museu *Casa Hacienda San José*, em Chincha Alta, que no passado era uma fazenda onde hoje funciona um museu, hotel e restaurante.

Fizemos visita guiada ao museu citado e obtivemos muitas informações pertinentes sobre o período escravocrata. Comentamos com a autora, e ela nos disse que quando criança ia a essa fazenda. Retomou algumas histórias do período escravocrata de seu país. Ela reitera algo semelhante da figura do avô paterno, que o pai dizia que era *cimarrón*, traduzindo o termo ao português como “quilombola”.

Interessante também destacar que, a partir do comentário sobre a visita a Chincha, ela retomou algumas falas de seu pai, resumiu o enredo com dados que não são mencionados no texto literário. Pois bem, em *Piel de Mujer*, no início do texto, a personagem autodiegética representa seu pai como um tipo mulherengo e que

roubou sua irmã mais velha quando a mãe foi visitar a avó em Chinha, quando ainda eram crianças.

Já na fala atual, a autora na maturidade nos conta a arte do reencontro com seu pai. Ela já adolescente o conhece, pois como vimos no texto literário, ela saiu com meses no colo de sua mãe. Um tio materno era amigo de seu pai e organizou o encontro de pai e filha. Delia diz que fugiu dele e subiu em um muro alto e que seu pai, com todo carinho, a convenceu a descer, pois era perigoso, ela poderia cair e do outro lado do muro havia animais famintos. Eles conversaram, ela o perdoou. ele disse que não sabia da “fuga” da mãe de Delia; segundo o pai, essa o esperou sair de casa para fugir com as duas meninas na época.

Eles construíram uma amizade, e ela comenta do papel significativo de seu pai e como toda a sua sabedoria ancestral a fortalecia com um discurso sempre encorajador quando sentia algum tipo de fragilidade com os percalços da vida laboral e sindical. Retoma a fala de seu pai ao citar um ditado popular lembrado por ele, que em resumo diz: prefira comer o seu prato de comida simples de pé do que comer um banquete ajoelhado. O pai também exaltava as culturas iorubas, nagôs, entre tantas outras, para ressaltar que ela não precisaria se sentir inferiorizada pela rejeição e pelo racismo enfrentado nas frentes sindicais e laborais, pois seus antepassados foram nobres, reis, rainhas no continente africano.

As memórias que Delia reconstrói nos fazem estabelecer um elo da invenção do Ocidente por parte do discurso eurocêntrico como também do discurso da Chimanda Adichie (2007), *O perigo de uma história única*, no TED.

Adichie (2007) nos convida a repensar o imaginário social que temos de diversos grupos étnicos, como, por exemplo, das pessoas pobres que são domésticas em casas de pessoas de classes média e alta. Que outras histórias essas pessoas que são marginalizadas diariamente por sistema de representação que aprisiona esses sujeitos em determinadas imagens estereotipadas? Outro exemplo do discurso da autora nigeriana é quando pensamos no continente africano: ele é sempre imaginado no singular, apenas lembrado pela pobreza e doenças. Esquecemos de que é um continente e que há diversidade em todos os países do norte ao sul, que há pobreza, sim, mas há riquezas naturais e culturais que são apagadas por uma história única que o Ocidente construiu como única verdade.

Na mesma proporção, Chimmanda descreve experiências pessoais: quando conheceu o México por exemplo, teve vergonha da representação social que “guardava” dos mexicanos. Na sua história única, eram pessoas que estavam todo o tempo tentando fugir do país e entrar nos EUA, e não eram felizes. Narra também seu período como estudante universitária: a colega de quarto ficou espantada por ela saber usar forno e fogão elétricos, falar bem inglês e cantar uma música da Mariah Carey, ou seja, a história única que a colega estado-unidense “carregava” dos africanos era que eles falam apenas em línguas nativas, não dominavam a língua do colonizador, utilizavam forno de lenha e desconheciam a modernidade.

Esse recorte estabelecido do vídeo de Chimmanda Adichie é de extrema relevância para exemplificarmos como carregamos nos nossos inconscientes história única de diversas nações. Daí a importância da atitude do pai de Delia, quando a fez refletir sobre como precisamos conhecer nossas raízes e ancestralidades, bem como construir a nossa narrativa de vida em respeito à diversidade de todos os povos.

Delimitamos Delia Zamudio: escritora e suas ações como ativista e sindicalista em cidades do Peru, apresentamos um recorte da entrevista *in loco* e seguimos com a análise crítica de seu texto literário.

3 ANÁLISE CRÍTICA DE *PIEL DE MUJER*

Claro que a estas alturas de minha vida me alegraria muito já olhar um novo futuro para nosso país, onde os meninos possam ser vistos como seres humanos, em que todos pudessem estudar sem discriminação, chegar a ser o que anseiam, que a gente trabalhe e possa viver dignamente. Que cada um de nós tenha o lugar que merecemos, que haja reconhecimento e igualdade de direitos às mulheres.

Delia Zamudio

O texto *Piel de Mujer* nos possibilita refletir sobre as diversas formas de violência sofrida pelos grupos excluídos e marginalizados na sociedade peruana. Neste capítulo de análise literária, utilizamos o eixo de interseccionalidade de violência de gênero, classe e etnia, pois se faz necessário destacar que a opressão e a exclusão sofridas por diversos grupos étnicos são diárias, e por mais que saibamos

que a literatura é ficção, ela nos faz refletir sobre alguns papéis sociais da sociedade no passado e no presente. Citemos:

Reconhecer que as memórias se constroem e cobram sentidos em quadros sociais carregados de valores e de necessidades sociais envolvidos em visões do mundo pode implicar, em um primeiro movimento, uma clara e única concepção de passado, presente e futuro. As noções de tempo pareceriam, nesta instância, ficar fora desse marco social e do processo de enquadramento das memórias. (JELIN, 2002, p.23.)

A partir da citação supracitada podemos delinear em *Piel de Mujer*, a personagem principal mostra a saída das personagens mãe, irmã e Delia de Chíncha para Lima, no início do texto literário. A partir desses dados, verificamos alguns elementos de violência simbólica², representados no ato de fuga da representante materna junto a suas filhas para a capital. Vemos, nesse exemplo, o ato de recolher os objetos pessoais, a escolha de levar as suas filhas desse relacionamento que, para a personagem mãe, não traz qualidade para a sua família. Verificamos também a representação do masculino como mulherengo, a figura do pai como um homem com relacionamentos extraconjugais que contribuem para o fim do casamento.

No decorrer da narrativa, a personagem principal, toma a decisão de sair de casa para trabalhar como empregada doméstica em uma casa de família. Ela foge da casa de sua mãe por não suportar as perseguições sexuais de seu padrasto. Pensava que, com a sua saída, teria um pouco de paz e um pouco de independência econômica. Para sua triste surpresa, a violência a persegue desde a infância.

Fui trabajar a la casa de un médico. Ahí también me pegaba la señora, se llamaba Bianca. **Me pegaba muy duro.** En ese entonces las empleadas domésticas, **la mayoría éramos menores de edad** y las dueñas de casa así por ahí **nos pegaban.** Trabajé seis meses y regresé nuevamente con mi mamá. (ZAMUDIO 1995, p.48, grifos nossos.)

² “Violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para ver se avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro, etc.), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto.” (Bourdieu, 2007, p.47.)

No trecho citado, conseguimos observar a violência física contra as empregadas domésticas e a exploração da mão de obra infantil sem direitos trabalhistas. Na mesma perspectiva de análise, a personagem deixa esse trabalho e volta a morar com a mãe, uma vez que esta abandonou o marido abusivo. A personagem já era adolescente, mas diz que nem sentiu a infância passar, pois, na sua condição de criança pobre, ela dividia as tarefas domésticas com a mãe.

Como ves, prácticamente **mi niñez y adolescencia no la sentí**. Tuve que dedicarme a mis hermanos, ayudar a mi mamá en la venta de los tamales y, cuando mi mamá criaba sus gallinas, vendía huevos. (ZAMUDIO, 1995, p.49, grifo nosso.)

Após a separação da mãe de Delia, eles saem da fazenda *Má Sorte* e vão viver em um terreno cedido pelos chineses. Quando decidem fazer uma oferta de compra do mesmo para construírem suas casas, começa o inferno. Enquanto eles dormiam, os soldados vieram derrubando seus barracos. Vemos no fragmento a seguir o início da militância da personagem principal pelo coletivo, quando ela comandava as crianças menores para atirarem pedras nos soldados para defenderem os barracos de seus pais.

Nos caían palos por la cabeza cuando defendíamos nuestras casitas. Era una cosa horrible. A nosotros, los niños más grandes, nuestras madres nos habían enseñado a **escoger y tirar las piedras a los soldados**. Entonces tenía catorce años y **dirigía una banda de chicos** para esas tareas. (ZAMUDIO, 1995, p.53.)

Jelin (2002) contribui de maneira profícua com a nossa argumentação. Citemos:

O ato de rememorar pressupõe ter uma experiência passada que se ativa no presente, por um desejo ou um sofrimento, unidos às vezes na intenção de se comunicar. Não se trata necessariamente de acontecimentos importantes em si mesmos, no entanto que cobram uma carga efetiva e um sentido especial no processo de recordar o rememorar. (JELIN, 2002, p.27, tradução nossa).

Na narrativa aqui analisada, a mãe de Delia era secretária do partido Aprista, e nessa época havia uma perseguição política muito forte. Viviam no período da ditadura militar peruana, e em muitas noites a mãe da personagem principal não dormia no barraco, por medo de ações de violência contra a sua vida. Destaca-se também que foi uma luta muito dura, mas, no final, cada família conseguiu noventa metros quadrados por uma Lei que pode ser entendida no texto literário, como algo parecido a Reforma Agrária no Congresso peruano.

É interessante afirmar que a narradora autodiegética nos revela alguns dados, tais como: com o tempo, a personagem Delia consegue identificar que o partido Aprista não lutava pelos trabalhadores como pregava, mas sim por seus próprios interesses econômicos e políticos.

En principio pensé que el Partido Aprista era un partido que luchaba por los pobres. Me sentía bien allí. Fui creciendo y empecé a trabajar en la fábrica de conservas donde había mucha injusticia. Allí empecé a conocerlos más de cerca. (ZAMUDIO, 1995, p.54.)

A personagem Delia, ainda adolescente, antes mesmo de completar quinze anos, já estava iniciando a sua fase de operária em uma empresa de conserva de peixes, em mais um exemplo de exploração de trabalho infantil. O pagamento era ínfimo, e, além disso, as crianças viviam molhadas, o que contribuiu para a personagem contrair mais uma doença pulmonar. Eles ganhavam por produtividade, eram muitas horas de trabalho, tinham metas de doze cestas de peixes por dia. “Siempre estaba mojada. Entonces tenía bronquitis terrible. Al final el pago era una miseria”. (ZAMUDIO, 1995, p.57.)

Nessa empresa de conserva, Delia iniciou sua vida de operária, e vemos os primeiros indícios das interseções de violência de raça, gênero e classe. O patrão iria montar um novo negócio em Chimbote³, e a personagem principal foi escolhida para ir para outra cidade para ensinar o serviço às novatas. Ofereceram a ela um cargo de supervisora, casa e um salário maior. “Me dijeron que **ganaría como supervisora.**

³ Chimbote é uma cidade da costa central norte do Peru.

Allá **te damos casa y comida**. Así fue. Viajé a Chimbote.” (ZAMUDIO, 1995, p.58, grifos nossos.)

Ela viu nisso uma oportunidade de trabalho por parte de seus empregadores. Mesmo sendo adolescente ainda, aceitou a oferta e viajou para a implementação de mais uma empresa em Chimbote. Para sua surpresa, tratava-se de armadilha dos empregadores e de seus filhos. A personagem principal quase foi violada por um dos filhos do antigo patrão, mas conseguiu fugir e voltar para Lima. Quando chegou e contou para o empregador os fatos como ocorreram, foi desacreditada. Citemos:

Después de ese hecho, como no lo acepté y le di muestras de rechazo y el no hizo que viniere en gana, me gritó: **Te vas negra de mierda**, te vas. - Yo no supe qué hacer. (ZAMUDIO, 1995, p.58, grifo nosso.)

Vemos nesse fragmento um insulto, um ato de racismo associado a outros tipos de violência, pois, assim que chegou, foi destinada a realizar tarefas insalubres.

Uma vez de regreso conté lo sucedido. Al Hermano le dio **mucha risa**, pero el papá, **rojo de indignación**, me dijo: - Estás hablando cojudeces. Cómo vas a hablar esas cosas de mi hijo. ¿Qué te has creído? **¿Mi hijo es un violador? Esta negrita tiene una imaginación...** (ZAMUDIO, 1995, p.59, grifos nossos.)

No exemplo, anterior extraído da narrativa, podemos observar as maneiras como funcionam as interseções de violência em nossa sociedade quanto ao discurso da mulher, pobre e de etnia não hegemônica. Ela é sempre observada como mercadoria quando não faz o que o sistema determina que deve ser feito. A sua denúncia de opressão é sem valor e, ainda assim, é penalizada novamente, após contar os fatos ocorridos em Chimbote. Observemos: “cuando recién empecé a trabajar en la fábrica, estuve en el tópico de curaciones, donde iban a las personas que se cortaban las manos.” (ZAMUDIO, 1995, p.59.)

Não obstante, a personagem Delia, apesar de todos os atos de violência vivenciados em sua trajetória, como já destacados, ela não teve acesso aos estudos no período normativo das crianças comuns, no entanto, os seus irmãos mais novos foram oportunizados pela educação formal na fase da infância. A mãe da

personagem principal via a filha como uma ajudante, e pelas leituras feitas, verificamos a mãe como uma espécie de “madrasta”, que exigia atitudes e compromisso da filha mais velha, como se as suas próprias tarefas devessem ser executadas pela filha. Em consonância, aos estudos de Jelin (2002), cabe citar:

Toda narrativa do passado implica uma seleção. **A memória é seletiva; a memória total é impossível.** Isto implica um primeiro tipo de esquecimento necessário para a sobrevivência e o funcionamento do sujeito individual e dos grupos e comunidades. Mas não há um único tipo de esquecimento, há uma multiplicidade de situações nas quais se manifestam esquecimentos e silêncios, com diversos usos e sentidos. (p.29, grifo nosso)

Estabelecemos um elo entre as argumentações de Jelin sobre a função da memória e de sua seletividade. Após diálogos com a autora, pudemos constatar alguns silêncios e esquecimentos nas narrativas da autora, não apenas no texto literário, como também na sua interlocução, como já destacado anteriormente.

Vemos também, nos atos de violência da figura materna, como um ato de valentia ou desespero soa um pouco paradoxal. Por diversas vezes no livro, observamos a mãe chorar pela filha: primeiramente quando a filha tinha três anos e foge da primeira casa em que trabalhou em Miraflores; um segundo choro aconteceu quando viu Delia toda machucada pela surra dada pelo seu padrasto; a terceira foi quando a personagem principal conta sobre uma tentativa de estupro praticada por um advogado do movimento dos trabalhadores do qual a mãe fazia parte.

Em *Vivendo de Amor*, bell hooks (2018) representa o amor materno de uma mãe negra em diáspora, no enredo de uma situação vivida na escola: uma menina conta sobre as agressões físicas sofridas no recreio de sua escola e pensa que, contando para sua mãe ao chegar em casa, teria carinho e acolhida, mas a figura materna foi “dura” com a mesma. Lemos esse posicionamento como uma maneira de fortalecer a menina, pois ela precisava “ser forte” e lutar contra o racismo e nem sempre teria a proteção materna. Na mesma perspectiva, precisamos problematizar essa representação de que mulheres negras, mesmo na fase infantil, já precisam estar fortalecidas emocionalmente para lutar com as teias do racismo e da negação de oportunidades.

Parece um pouco contraditório, mas o racismo não poupa as crianças negras na escola, e as mães precisam em muitos casos mostrar firmeza, mesmo que isso possa ser interpretado como um dos diversos estereótipos sofridos por mulheres negras desde a infância. Assim analisamos a atitude da mãe da personagem Delia em diversas situações narradas no texto literário.

Os diversos episódios de choro da personagem mãe em *Piel de Mujer*, pode ser lido como metáfora, como um ato de catarse, bem como resistência por parte da voz discursiva sobre a representação da violência, que maltrata e desumaniza as mulheres negras em diáspora, nesses recortes da narrativa, cremos que em muitas situações, o chorar funcionaria como um pedido de socorro retórico.

Em outra perspectiva de resistência, a narradora autodiegética sempre reitera a necessidade de estudar de Delia. Primeiro, destacamos o início da narrativa quando a personagem estudava em um grupo escolar, e, por não ter certidão de nascimento, a mãe a tirou da escola; ela ficou extremamente triste, pois seus irmãos já sabiam ler, e ela, não. Aprendeu a ler mais tarde, nesse grupo escolar, mas precisou sair. A sua madrinha de consideração prometeu que, se elas morassem juntas, teria acesso à escola, porém quando já estava para terminar o ciclo primário, a madrinha a retirou da escola. “Nunca perdí los deseos de estudiar. Al contrario, esa era mi mayor necesidad.” (ZAMUDIO, 1995, p.59.)

Contudo, ela não desistiu e, mesmo sem certidão de nascimento, entrou em acordo com uma diretora, estudou à noite e terminou o ciclo escolar básico. Almejava ser enfermeira, assim como Carolina Maria de Jesus desejava ser poetisa desde criança como destacado em *Diário de Bitita* (1986).

Empecé a estudiar nuevamente la primaria, a la vez que seguía trabajando. Hablé con la directora del colegio México. Era buenísima gente; me aceptó sin la partida de nacimiento, pero me dijo que estudiara en la nocturna. Así terminé el quinto de primaria. (ZAMUDIO, 1995, p.60.)

A narradora autodiegética nos direciona a alguns questionamentos sobre a exploração da mão de obra no sistema capitalista, sobretudo o papel das mulheres negras na empresa de peixes. Isso a leva a buscar novas oportunidades de emprego, contudo, a odisseia da violência no ambiente de trabalho não se esgota. Se na

empresa de conserva, ela vivia molhada e precisava atingir metas diárias, no novo emprego era o ácido da oficina de prata que fazia mal aos seus pulmões, bem como a vigilância e o constrangimento diário a essas mulheres na saída do trabalho por questões de segurança dos bens da empresa.

Cuando salíamos, el control era bien bravo. Nos metían la mano hasta en las partes, para ver si sacábamos algo. Había una vigilante, todas teníamos que abrir las piernas al salir y ella nos tocaba. Si estábamos con la regla, había que sacar el paño para mostrarle. (ZAMUDIO, 1995, p.61.)

Apesar de toda vigilância, uma colega que dividia o espaço com a personagem Delia traiu sua confiança, roubou algumas peças de prata e três pessoas foram punidas. A personagem principal foi à casa da personagem que cometeu o furto, conseguiu recuperar com a mãe da colega o que havia sido apropriado de maneira indevida. A narradora explica que, mesmo após a entrega dos elementos roubados, a diretora da empresa ainda assim descontava de seus salários pela matéria-prima que já tinha sido devolvida a Delia. “Sólo nos dieron la mitad del sueldo. Descontaron sólo a tres (...) Pensé que al restituir el oro, lo justo era que nos devolvieran lo descontado.” (ZAMUDIO, 1995, p.62)

A jornada de “trocas” de empregos segue, já que a personagem não ficou satisfeita com a empresa, pois tinha sido vítima e mesmo resolvendo o problema foi punida. Ela questionou, não foi ouvida e inconformada saiu da Empresa de Prata, que além de tudo trabalhava com materiais tóxicos, que faziam mal à saúde de todos. Ela, ainda assim, não recebia o salário completo, como os demais. Nessa fase, abandona a escola e demonstra que foi um período difícil, pois a mãe e ela estavam construindo uma casinha e precisavam fazer alguns sacrifícios. “Fue una época muy dura. Teníamos que construir la casita. Había que comprar adobes. La idea era hacer una casa que nos haga sentir que verdaderamente era nuestra. Me gustaba trabajar y tener más cositas.” (ZAMUDIO, 1995, p.62.)

No capítulo de Piel de Mujer, *Si el matrimonio es así, no quiero estar casada*, utilizamos este questionamento apresentado pela narradora autodiegética para analisar como tem sido construído o casamento na sociedade patriarcal. Por mais que tenhamos analisado, o texto de uma protagonista negra, a personagem é

obrigada a casar-se contra a sua vontade por imposição de sua mãe, tanto que destaca se o casamento é assim, não quero estar casada.

Vimos que é importante destacar o lugar de discurso de cada grupo étnico de mulheres, diferenciar e especificar como funciona e como age o lugar de violência de cada um. A personagem da obra em análise apesar de não possuir os privilégios das mulheres brancas, também se viu obrigada a casar-se contra a sua vontade para legitimar esse discurso patriarcal que estamos imersos, ou seja, por mais que Delia trabalhasse na esfera pública desde criança e não possuía os privilégios brancos da burguesia, nas interseções de raça e gênero, no entanto, a personagem também se viu enclausurada nessa narrativa de dominação masculina da obrigatoriedade do casamento.

Analisando pelo prisma da violência cometido contra outros grupos étnicos com o papel da miscigenação para as mulheres indígenas e negras na formação nacional brasileira e peruana, o *lugar de fala* é diferente, portanto, o diferenciamos. Claro que tendo em vista que a opressão exercida contra o gênero feminino é uma pauta extremamente relevante.

Com base em estatísticas em violência doméstica frente ao corpo feminino, no Peru e no Brasil, pode-se afirmar que o índice é alarmante. A cada dia, o número de feminicídio cresce, tendo em vista o atlas da violência dos últimos anos, constatamos que essa violência física e psicológica ocorre diariamente. Atinge todas as classes sociais e todos grupos étnicos, não só as classes sociais e etnias marginalizadas, contudo, cabe enfatizar que no Atlas de Violência de 2019, os índices de feminicídio para as mulheres brancas diminuíram e para as mulheres negras houve um aumento significativo de mortes de mulheres negras vítimas de seus ex-companheiros, reiterando mais uma vez a interseção de raça e gênero no quantitativo de vítimas de feminicídio.

É assustador o índice de mortes e a negligência por parte do poder público. Vemos também que boa parte dessa violência gratuita vem dessa educação escravagista, que permeia as sociedades que ainda agem sob a égide colonial e ocidental. Há uma emergência de diversificação das pautas e essas novas narrativas, como as da Delia Zamudio cooperam para que repensemos às desigualdades no Peru, como também no Brasil. Observemos os trechos extraídos da narrativa: “La

verdad, me casé cuando no quería casarme. Contra mi voluntad, me casaron.” (ZAMUDIO, 1995, p.65.)

Verificamos, nesses dois fragmentos representados acima pela narradora autodiegética, que o casamento não era uma decisão pessoal da personagem principal. Pelas leituras feitas, inferimos que ela tinha outros objetivos para a sua vida. Em contrapartida, como já destacamos, dentro desse pacote hegemônico hipócrita e religioso, mesmo as mulheres não-brancas nessa narrativa colonialista, Delia e outras deviam sair da casa de sua família para o matrimônio, para que não fossem “apontadas” como mulheres “fáceis”, ou seja, a mulher esteve sempre enclausurada no privado, mesmo em pleno século XX, período em que é escrito o texto literário em análise.

Curioso que a personagem mãe libera a filha para trabalhar em outra cidade com pouca idade, mas a obriga a casar-se contra sua vontade, pois sabemos que a mulher que pertence ao privado é a mulher branca e não a mulher negra, as mulheres negras nunca foram musas e enclausuradas como passíveis de construir famílias e serem mães em diáspora. Citemos : “**El chico quería casarse**, porque no había logrado que **yo le suelte la otra cosita que él quería**. A él, claro, le convino, por eso me repetía: - Si, yo te quiero y vamos a casarnos.” (ZAMUDIO, 1995, p.66, grifos nossos.)

No trecho a seguir, vislumbramos os primeiros indícios de violência exercida pelo marido que escolheram para a personagem principal. “De solteros siempre vino a verme sano y yo nunca sospeché de **su dureza**, de **sus iras**, del **abusivo** que había en él.” (p.66)

Após o casamento, a personagem Delia começa a mais conhecer seu esposo e toda a agressividade que ele escondeu no período em que namoraram antes do casamento.

A narradora destaca que na lua de mel, que é tão almejada por todos nessa construção de idealização do matrimônio, a personagem principal recebeu um soco e foi violada pelo seu cônjuge; também em vários trechos da narrativa, ela apanha por motivos menores, como por uso de maquiagem, pelo horário que chegou do trabalho, por ele chegar bêbado em casa depois de ter sido furtado por seus colegas

no bar e acusar a esposa pela ausência de seu dinheiro, pelo sumiço de seu salário, em que parte gasto com bebidas alcóolicas, e em parte com suas amigas.

A violência por parte do personagem marido frente a Delia era um constante no período em que ela esteve casada. A narradora descreve a forma como o cônjuge batia e oprimia a sua esposa, tanto que chegou a abortar pelo tanto que apanhou do marido. Citemos: En esas condiciones salí encinta. **Iba a tener mellizos.** A los cuatro meses de embarazo me dio otra tanda y **aborté.** (ZAMUDIO, 1995, p.67, grifos nossos.)

Há também diversos exemplos de violência, por parte do marido, com a família de uma maneira geral. O personagem chega ao máximo da agressividade com a sua própria filha. A narrativa sugere que foi o ponto limite para a personagem principal romper o casamento e tentar refúgio na casa de sua mãe, com sua bebê.

Un día, como otros, llegó borracho. Ya había nacido mi hijita, la tenía en su frazadita, él cogió una de las puntas de la frazada y preguntó: - ¿Qué es esta mierda - **Sacudió con fuerza la frazada y la bebe voló por los aires y cayó al suelo.** (ZAMUDIO, 1995, p.68, grifo nosso.)

Já no capítulo de Piel de Mujer, *Trabajar, estudiar ha sido mi guerra*, a narradora retoma o eixo que é de suma relevância para a personagem principal: os estudos e os diversos trabalhos. O primeiro havia sido abandonado antes mesmo dos dois anos de casamento, quando ela usava todo o seu tempo para ajudar a mãe a construir a casa própria, devido aos problemas e as agressões físicas por parte do marido, seria impossível estudar.

Como já vimos, ora trabalhava em serviços como doméstica, auxiliar de serviços gerais em uma empresa de peixes e conservas, depois como auxiliar na elaboração de objetos em pratas e ouro, ora ajudava a mãe com os serviços informais, como vender *tamales* ou ovos de galinhas que a mãe criava. Depois do fim do casamento, Delia afirma ter confiança em si mesma. Voltou a estudar e terminou o ensino médio, como tanto almejava, assim como obteve seu certificado de enfermeira, conquistas comemoradas com júbilo na narrativa aqui analisada.

Decidí estudiar nuevamente desde cuarto hasta el sexto de primaria, en el Colegio Mercedes Cabello, por el Mercado Central. Trabajaba en el laboratorio, estudiaba enfermería y cursaba los últimos años de la primaria. **Estudiar, para mí, era un desafío en la vida.** Siempre me decía, tengo que terminar de estudiar, cuando termine la primaria, inmediatamente seguiré con la secundaria. (ZAMUDIO, 1995, p.77.)

Já no laboratório, com o certificado de enfermeira, além de trabalhar com a carteira assinada, também fazia alguns serviços extras, como aferir a pressão, aplicar injeção, entre outros, para aumentar um pouco seu salário.

Se pensamos que após ao fim do casamento Delia teve paz, isso não aconteceu. O seu ex-marido continuava a perturbar a sua segurança. A narradora afirma que o cidadão a perseguia na saída do trabalho, com insultos e agressões verbais, tanto que ela chegou a ir à delegacia registrar queixa do mesmo. Observemos: “Por esa época el papá de mi hija venía a esperarme a la salida del trabajo. Me hacía la vida insoportable, me amenazaba con cortarme la cara, me seguía molestando a pesar de nos habíamos separado.” (ZAMUDIO, 1995, p.79.)

Retomando as análises de interseções de violência, a personagem vence algumas batalhas no campo educacional e profissional, ao concluir o ensino médio e obter certificado do curso de enfermagem, consegue um novo emprego em um laboratório farmacêutico, através de uma indicação de sua madrinha de consideração. Utiliza a sua segunda profissão como um auxílio para aumentar a renda familiar, contudo não consegue se livrar da violência psicológica e física do ex-marido, mesmo registrando uma queixa contra o mesmo na delegacia.

Já em *Una mujer en la dirigencia y todavía negra, ¡Jamás!*, assim como os demais eixos analisados, observamos novos registros de violência, pois a personagem principal inicia sua vida como sindicalista e analisa de maneira bem crítica a forma como funciona o sistema criado para defender os trabalhadores frente aos empregadores, mas que possui alguns paradoxos, como machismo, sexismo, entre outros.

La junta directiva estaba formada. Los dirigentes elegidos éramos trece, doce hombres y yo la única mujer. Un poco éramos trece, doce hombres y yo la única mujer. Un poco después pude darme cuenta de que yo no tenía mucho que ver en el sindicato, según las ideas de los dirigentes. (ZAMUDIO, 1995, p.86-7.)

Para seguir com os encaminhamentos finais é importante destacar como o texto *Piel de Mujer* nos atravessa, Delia Zamudio em sua escrita de denúncia ao sistema, problematiza assuntos que precisam fazer parte das pautas diárias no Peru e no Brasil, bem como em toda América Latina, temos a impressão que avançamos, mas infelizmente, tivemos pouquíssimas oportunidades, se analisamos quantitativamente as questões de raça, gênero e classe que o livro representa de maneira magistral, mulheres negras continuam sendo a base da pirâmide de bens de consumo, são as maiores vítimas de feminicídio, comandam muitos lares sozinhas, isso se destacamos o recorte de mulheres negras cis que são detalhadas como a personagens da obra em pauta, se abrimos o leque para mulheres negras bissexuais, não-binárias ou transexuais, os recortes de violência ainda são mais complexos.

4 ENCAMINHAMENTOS FINAIS

Nos propomos neste artigo apresentar um pequeno recorte da ativista, sindicalista e autora, Delia Zamudio, recomendamos a leitura de *Piel De Mujer* para que possamos compreender as insurgências de mulheres negras em diáspora e como suas escrituras perpassam o racismo cotidiano e as intersecções de violência de raça, gênero e classe no Peru, assim como toda América Latina.

Esperamos que tenhamos deixado a semente da curiosidade as novas leitoras críticas e que textos literários como de Delia Zamudio possam impulsionar leituras plurais e práticas didáticas antirracistas, como também problematizar as violências, as desigualdades vivenciadas por diversos grupos representados como subalternizados pela hegemonia.

Para finalizar, fizemos um recorte da literatura testemunho de Delia Zamudio, a obra apresenta diversos temas como: a migração, o desemprego, os subempregos, os sindicatos, enfim, apresentamos as intersecções de violência que atravessam todo a narrativa. Já nos últimos parágrafos, a narradora autodiégetica faz uma espécie de autoanálise de todo o processo, das perdas, conquistas e aprendizados e afirma ter esperança em dias melhores, sobretudo almeja equidade para toda sociedade peruana.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma única história*. TED GLOBAL 2009. Disponível em: <www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/up-next?language=pt-br#t-78036>. Acesso em: 22 de janeiro de 2018.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Para educar crianças feministas: um manifesto*. Tradução de: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Atlas da violência 2019. Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em : <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf> Acesso em 22 de julho de 2020.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de: Maria Helena Kühner. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CORNEJO POLAR, Antonio. Unidade, pluralidade, totalidade: o corpus da literatura latino-americana. In: VALDÉS, Mario J. (Org.). *O condor voa – literatura e cultura latino-americanas*. Tradução de: Ilka Valle de Carvalho. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

FAYE, M'bare N'gom. Transafricanía y género – mujer, voz y discurso nacional en América Latina – In: MAYORGA BALCAZAR, Lilia (Org.). *Insumisas – Racismo, sexismo, organización política y desarrollo de la mujer afrodescendiente*. Serie: Caja Negra/3. Lima – Perú: Centro de Desarrollo Étnico (CEDET), 2010.

FAYE, M'bare N'gom. Introducción. In: MAYORGA BALCAZAR, Lilia (Org.). *La Libertad Inconclusa Entorno a la Esclavitud, su Abolición y los Derechos Civiles*. Lima – Peru: 2010, pp.9-20.

FAYE, M'bare N'gom.. Los Paradigmas Culturales de Transafricanía: la “memoria impuesta”. In: MAYORGA BALCAZAR, Lilia (Org.). *Presencia y Persistencia:*

Paradigmas culturales de los afrodescendientes. Lima: Centro de Desarrollo Étnico – CEDET, 2013.

HOOKS, Bell. *Vivendo de amor*. Tradução de: Maísa Mendonça. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br>>. Acesso em: 16 de janeiro de 2018.

JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la Memoria*. Madrid: Siglo Veintiuno de España Editores, 2002.

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

OYARZÚN, Kemy. *Literaturas Heterogeneas y Dialogismo Generico-Sexual*. Revista de Crítica Literária Latinoamericana. Lima: 2º semestre de 1993; XIX(38):37-50

PIZARRO, Ana. La literatura Latinoamericana y sus literaturas regionales y nacionales como totalidades contradictorias. In: PIZARRO, Ana. *Hacia una historia de la literatura latinoamericana*. México: El Colegio de México/Un. Simón Bolívar, 1987.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte (MG): Letramento, Justificando, 2017.

VASCONCELLOS, Vania. *No Colo das Iabás: Maternidade, Raça e Gênero em Escritoras Afro-Brasileiras*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2015.

ZAMUDIO, Delia. *Piel de Mujer*. Lima- Peru: Fovida, 1995.

Recebido em 15/04/2020.

Aceito em 30/07/2020.